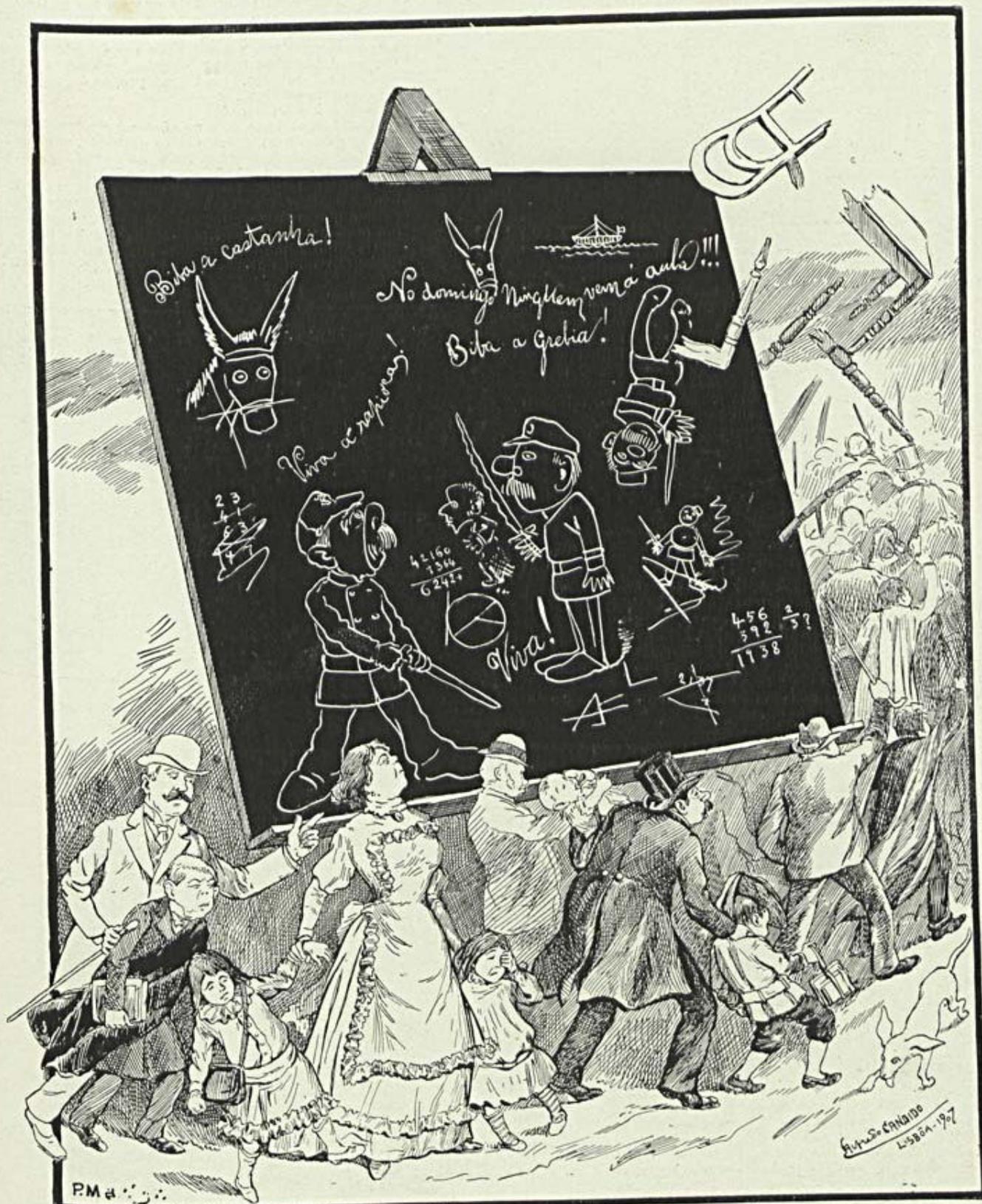


BRASIL - PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1907

N.º 198

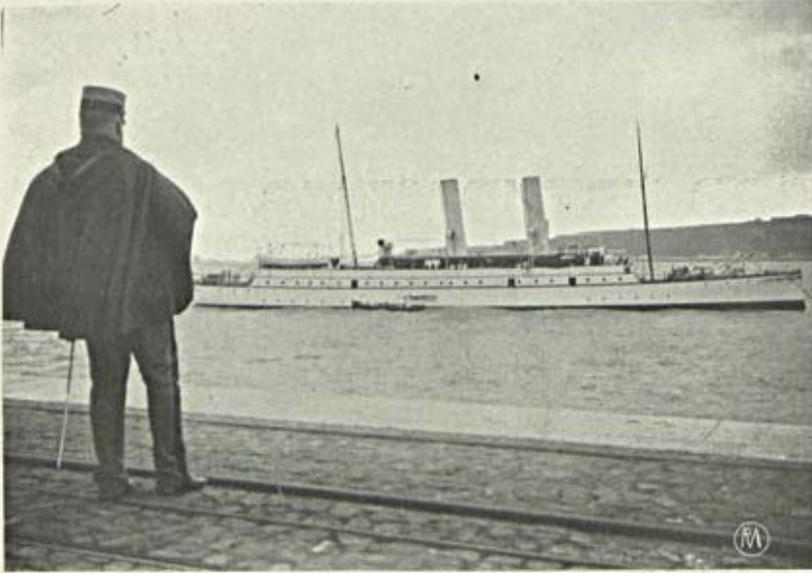
A QUESTÃO DOS ESTUDANTES



— Já para a escola!

Viagem da Rainha a Hespanha

Chegada a Lisboa em 6 de abril



El-rei — O yacht «D. Amélia»

duvida, de receio, de suspeita mal nascida. Como gôtta de rócio matinal que vae pedir gasalho nos estames d'uma flôr e se fica, bem no fundo, tremente, até vir um pedaço de sol que a apague e a precipite no vão, ella acolheu-se-lhe no seio — calhanda implumada apanhada no ninho virginal — e como o coração, que devia de ter as rubrações quentes da romã, lhe rufava no arcabouço delicado e setinoso do peito na insciencia fatal d'um primeiro tremolo de amor.

Em bicos de pés, como solícito e carinhoso enfermeiro, que vela inquieto o somno balanceado d'um febril, o sacristão, em baeta vermelha, apaga uma a uma as velas dos candelabros. No resvalo d'um confessorário, uma pobre mulher, de bôrço, gorgulha qualquer coisa de funesto e lacrimoso. Uma ave passa na esburacada architectura do alto, com uma nota profunda de tristeza e de tédio. E de quando em quando afogam-se no altar-mór, na confusão das imagens pintadas a ócre e vermelhão, as cantigas das messes, sybillinas, choradas por vozes acres e rasgadas de mulheres que equilibram na cabeça os grandes molhos de feno.

E de mãos dadas, ainda e sempre, os dois ajoelham. Ella levanta os olhos.

— Salvè, meu Deus!

Parece que entraram no côro ranchadas de creanças, que riem com um riso claro prateado, mesclado de coruscações de diamantes. Na volta de cada pilastra ha anjos que sorriem. A' bôcca dos pulpitos surgem padre-sitos-bébés, de grandes paramentos escolhidos e flam-bantes de dourados. O Christo descae mais a cabeça no peito e n'uma tristeza mystica vê-se o seu rosto chorar um passado que lhe foge pelo apagado das orbitas.

Os anjitos que fazem coxim aos pés da Senhora da Conceição num enramado de nuvens, abrem grandes

A bordo do yacht D. Amélia chegou ao Tejo, na tarde de 6, de regresso do seu passeio a Sevilha, S. M. a Rainha, acompanhada de seus filhos Príncipe Real e Infante D. Manuel.

O yacht, que entrou a barra pouco depois de uma hora da tarde, veio fundear ao largo em frente do posto de desinfecção. O desembarque foi cerca das 3 horas.

Aspectos nitidos de occasião reproduzem n'estas paginas o desembarque, á Rocha do Conde de Obidos.

UM CASO

Os dois entraram, de mãos dadas, igreja dentro. O sol, mal passado pelo vidralhamento sanguinoso das ogivas do côro, vem cahir exausto junto d'um altar, e para lá uma meia treva mysteriosa de ruflar de azas e de palpitações capitosas de confissão. Foi como se o dia escurecêra de repente, chumbado nos horisontes, aberto em zigzaguear de relampagos e crepitar de trovões. Nada viram.

E as mãos apertaram-se mais em conchego, n'um sobresalto de



Viagem da Rainha a Hespanha. — Assistencia



Viagem da Rainha a Hespanha. — Esperando o desembarque

pupillas que parecem interrogar o olhar meigo e dulcerado da Santa. Tymbala pelo ar uma farandola alegre, com retinidos fortes de instrumentos. Collaram-se mais e mais os vidros das ogivas. Passam nos ouvidos segredos de sebes, de recantos, de leitões nupciaes. Do agudo zimbório uma andorinha partiu.

— Ella ergueu o olhar para a Virgem!

E de cântico em cântico, vae ficando bem esculpido no coração de todos que ella ergueu o olhar para a Virgem . . .

O ar rasga-se em zumbidos de moscas que se vão apagando para deante, até poisarem na fimbria clara d'uma toalha rendada.

Já a igreja é deserta e mais



Viagem da Rainha a Hespanha. — Chegada a terra

Arthur Azevedo

E' preciso tambem que a gente ria
De seus comparsas na comedia humana,
Cujo scenario — a Terra — scinde a fria
Mudez do espaço n'uma curva insana.

Sobre a Europa, Cervantes e Molière
Passaram como duas gargalhadas . . .
— O riso é como o bisturi que fere
Fundo, e retalha as carnes gangrenadas.

Como do lapis Gavarni vibrava
Settas sobre uma geração escrava,
De vícios asquerosos carcomida,

Vibras com a penna a satyra mordente
Contra esta sociedade indifferente
Ao doloroso frenesi da vida . . .

S. Paulo. — Brasil.

WENCESLAU DE QUEIROZ.



Viagem da Rainha a Hespanha. — A Rainha

lhes parece cheia. Vem da sacristia o padresito, acolytado gravemente por um menino de côro, em alvas vestes. Vem rútilo, o bom sacerdote, com um reluzimento lavado nas maçãs. E bambõa-se todo, atirando ao vento a estola, que oscilla, e frufruando o gommado dos folhos. Elles abaixam para o chão as cabeceitas, aureoladas por um fio de sol que passou as sentinellas avançadas do zimbório. E no povo ondula e tine a benção que nasce da admiração do respeito, da emotividade por essas nubentes em miniatura.

O padresito, com os mesmos bamboamentos a mesma similitude de rosto, o ar grave e circumspecto, entra a sacristia, acolytado ainda pelo menino do côro, em alvas vestes.

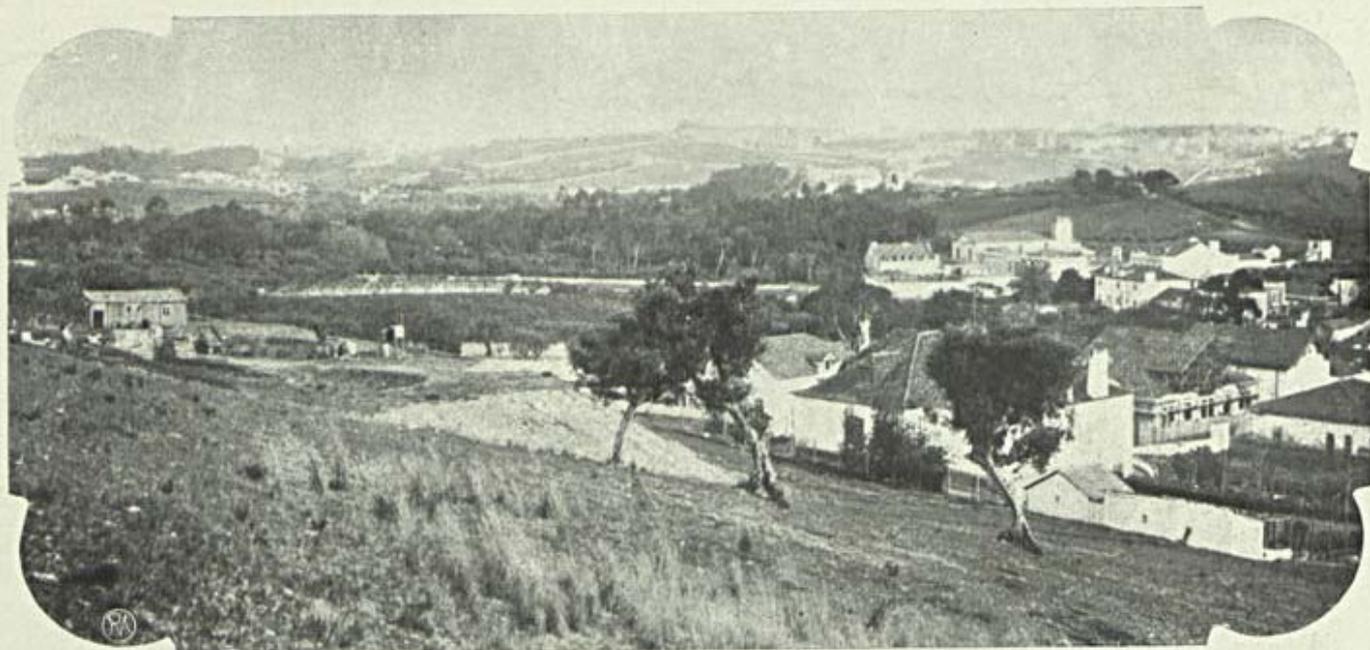
Os dois levantam-se e, olhos nos olhos — que clarão atravessou a neve! — sorriem, e elle como é de estatura maior, encontra a trança luzida dos cabellos da sua amada, e docemente, com desvelo de amante, cae-lhe dos labios um beijo, que tem o êcho d'uma gargalhada forte, timbrante, lá em baixo, no guarda-vento.

Tinham-se esquecido da escola. E encontrando aquella grande porta, que abria para o templo, entraram, no alheamento de tudo, a memoria parada, os membros lassos, a descambarem n'uma frouxidão de musculos. Que pena que os sonhos tenham fim!

José Sarmento.



Viagem da Rainha a Hespanha. — A Rainha no posto de desinfecção



"Portugal e Brasil". — Local para a edificação

Casa de Saude "Portugal e Brasil,"

Lisboa vae ser dotada com mais um estabelecimento hospitalar. Foi já ha dias lançada a primeira pedra para esse edificio. No alicerce da fachada ficou encerrada uma caixa de folha com as moedas de prata, nickel e cobre actualmente em circulação e um auto assignado pelas pessoas presentes.

Assistiram á cerimonia o director da futura casa de saude, que será denominada *Portugal e Brasil*, dr. Gomes de Amorim, o vice-presidente e o secretario da assembléa geral, rev. Alves Diniz e Silva Diniz, o conselho de administração, sr. visconde de Barreira, Pacifico de Sousa, Carlos Gomes, muitas senhoras e jornalistas.

O terreno destinado á edificação é n'uns terrenos adjacentes á estrada de Bemfica e com entrada pelo bairro Heredia.

Publicamos tres aspectos d'essa cerimonia.

A camponeza dos arredores de Coimbra

Deviam saber latim e grego as *tricanas* do tempo das *cathedri-lhas* de Scoto, e do dominio de Aristoteles, devem conhecer perfeitamente Augusto Comte e Herbert Spencer as *tricanas* de agora. Em Lisboa as sopeiras conhecem intimamente os filhos de Marte, em Coimbra as *tricanas*, que são muitas vezes as serventes d'aquelle bairro latino, conhecem os filhos de Minerva; por isso tambem devem olhar com desdem supremo para as filhas de Lisboa, que têm de trazer os seus amores pela vulgaridade das casernas e das esquadras, enquanto ellas têm por adoradores toda a futura magistratura judicial.

Ali onde as vêem são as verdadeiras Lauras de todos os Petrarchas da nossa terra. As estrophes que um estudantinho poeta solta á brisa dos vinte annos são quasi sempre dedicadas a alguma *tricana* dos bons tempos. Quando Camões fez a côrte a Natercia, já



"Portugal e Brasil". — Leitura do auto

era homem erudito, que sabia Petrarca de cór e salteado e por isso lhe dirige uns sonetos magistraes, que muitas vezes — magão! — se limitam a ser uns exercicios de rima no genero dos do poeta de Vacluse. Mas as trovas sinceras peninsulares a valer, filhas das inspirações do Mondego, nascidas espontaneamente entre os salgueiraes como as flôres silvestres, essas, por Deus, illumi-

medicos, prelados, engenheiros, homens graves, condecorados, maçudos e maçadores, casaram com umas burguezas ricas e gordas, ou com umas fidalgas anemicas e espevitadas, e de quando em quando, no aborrecimento do seu lar prosaico, sentem passar com uns sopros de mocidade a imagem dulcissima da tricana ignorante e ingenua que adoraram dois dias! Ellas sentiram deformar-se-lhes



“Portugal e Brasil”. — Parte da assistencia

nou-as com o negro olhar de alguma tricana de Coimbra. Depois, no fim da vida, quando já o sol do Oriente lhe queimara o sangue e lhe accendera nas veias as extranhas concupiscencias dos climas tropicaes, até as pretas o captivaram. Triumphava nos ultimos annos do poeta a pretinha saracoteante e o provocante mexilhão, mas na aurora da sua existencia foram as seductoras tricanas, portuguezas de lei, de olhar escuro e brilhante como uma noite estrelada, de corpo flexivel e elegante como um arbusto novo, de voz suave como as melodias do Mondego, que lhe fizeram andar a cabeça á

o corpo sujeito aos rudes trabalhos do campo, casaram com alguns lapuzes que lhes batem, e quando estão a esfregar alguma casa, ou a ensaboar alguma roupa, com as farripas do cabelo já grisalho a cahirem sobre os olhos, vêem tambem, com um suspiro, passar entre os salgueiros a imagem fina do estudante que vinha ao seu encontro, de livros a tiracollo e que ás vezes falava nas maravilhas ignoradas da poesia e da sciencia!

PINHEIRO CHAGAS.

BOOTH LINE



O «Antony». — (6:400 toneladas)

roda. Romantico no principio, realista no fim, foi classico no meio. Catharina de Athayde é a inspiradora official, a musa, a Natércia, que Camões adora de lyra em punho e de corça de loiros na cabeça, mas a tricana da mocidade, a Líanor que vae de cantaro á fonte, essa é a inspiradora nacional e adorada pelo poeta ao som da guitarra da sua patria, sob o luar sereno do nosso bom céu portu-guez.

Assim n'um momento dado da sua vida encontram-se alli em Coimbra os rapazes gentis e enamorados e as galantes e divinas tricanas. Foram ellas o sonho d'aquellas adolescencias em pleno verdor, e elles o ideal supremo d'aquelles corações feminis, que despertam na abençoada ignorancia da vida, mas depois passaram os cinco ou seis annos sacramentaes, veiu a barba aos rapazes e o rude trabalho ás raparigas; elles sahiram de Coimbra, advogados,

O “ANTONY,”

Mais um paquete que a Booth Line fez construir para a carreira do norte do Brasil, e que ha dias esteve no Tejo, seguindo logo para o Pará e Manaus. E' um bello navio com magnificas accomodações e de grande marcha. A poderosa companhia ingleza muitos elogios merece por mais este serviço prestado ao commercio dos dois paizes.



O «Antony». — Salão de jantar

O incendio na rua da Magdalena

A gravura que acompanha estas linhas representa o edificio de cinco andares, n.º 233 a 243, na rua da Magdalena, que na noite de 9, foi theatro de uma horrorosa catastrophe.

Onze desgraçados moradores, surpreendidos pelo fogo ás 2 da madrugada, foram devorados pelas chamas e soterrados nos escombros, e duas infelizes meninas precipitaram-se dos andares altos vindo despedaçar-se na calçada. Estas duas misereras chamavam-se Gilberta Pinheiro e Joanna Nunes da Costa. As outras victimas colhidas pelo brasão são:

D. Maria José Morgado, D. Julia do Nascimento Barros, D. Maria da Conceição Bastos, Louis Philippe Franc, professor de francez, Augusto Cesar, capitalista brasileiro por naturalisação, Alice das Dores Simões, Salomão Banon e sua mulher Lucia Aloh, e tres filhos Raphael, David e Moysés.

O edificio completamente consumido, de que apenas restam as paredes estaladas, e que pertence ao sr. coronel Francisco José Machado, foi photographado nas primeiras horas da manhã do dia 10, quando começava o rescaldo.



Na noite de 9 de abril. — A casa incendiada. — O rescaldo

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXIV

A questão da academia de Coimbra. — Origens do conflicto. — A grève estende-se a todas as escolas superiores do paiz e a alguns lycées. — O estado da questão. — Casos picarescos. — Tragedia que desanda em comedia. — O automobilismo e o roubo de carteiras. — Dos males o menor. — Protestos contra as desordenadas corridas dos automoveis nas ruas de Lisboa dando occasião a lamentaveis desastres. — Apresenta-se um alvitre que não parece nada mau.

A reprovação do dr. José Eugénio Ferreira, que determinou lamentaveis acontecimentos em Coimbra, conhecidos de toda a gente pela pormenorizada reportagem e acalorados debates da imprensa diária, teve as mais graves consequências.

E' sabido que a Academia de Coimbra, protestou ruidosamente contra essa pretensa violencia, á uma, com exclusão de alguns, poucos, alumnos do curso de theologia e militares, a quem a farda obriga a uma attitude passiva n'estas emergencias. Tratava-se, pois, de um crime (?) colectivo; no entanto foi ordenado ao conselho de decanos que instaurasse processo, apurando quem tivesse sido cabeça de motim e contra elle procedendo.

Se assim foi ordenado melhor se fez e o resultado foi serem riscados sete estudantes de ideias avançadas, que nos seus depoimentos escriptos declararam não terem no caso mais responsabilidades que os seus collegas, visto as manifestações de desgosto feitas ao corpo docente, base do processo, terem partido de toda a academia. Salvas as excepções acima apontadas.

A condemnação dos sete estudantes, tantos como os ministros, com peccados mortaes e os alfayates precisos para não matarem uma aranha, irritou profundamente a academia que resolveu fazer parede, não indo ás aulas e perturbando o funcionamento d'ellas no caso de algum alumno insistir em entrar.

Os rapazes cumpriram e estão cumprindo o programma, secundados por todos os academicos do paiz, pois que não ha lycées onde

um só petiz de dez annos não esteja absolutamente convencido de que a santa causa ha de vingar, de que o governo se ha de submeter á vontade soberana... da Academia.

A um d'estes tragalhadanças ouvi eu, ha dois dias, dizer no largo de S. Domingos:

— O João Franco metteu-se connosco mas errou o numero da porta. Atiramos com elle de pernas ao ar. Olarila!

E d'ahi, talvez o pequeno tenha razão. Isto de a gente se metter com rapazes, mesmo quando se é governo, resulta um desgoverno enorme que se reflecte na conta da lavadeira...

O caso não é para brincadeiras, mas, vamos, tambem não é dos taes de deitar luto! Todos nós estamos convencidos de que tudo acabará em bem, como nos dramas do Principe Real, embora se troquem as guardas á fechadura e venha a succeder o contrario do que acontece n'essas peças: ser premiado o crime e castigada a virtude... triumphante.

Mas para que elle não fosse retintamente tragico, algumas pessoas se encarregaram de o acepillar com lances de força muito dignos de registo, como subsidios para a historia picaresca, que alguém venha a fazer, d'estas *Guerras da Capa e Batina e do Capello e Borta*.

Em Coimbra, por exemplo, a policia invadiu a Universidade, invasão que lhe era defeza pelo regulamento da casa e com o qual encavacaram solemnemente os rapazes e alguns lentes.

Houve tumultos e intervenção da força... bruta. Na Polytechnica um policia vae a cahir sobre um estudante que, longe de lhe fugir, se deixa ficar muito tranquillo no mesmo sitio. E quando a fera, de olhos chamejantes e chanfalho em punho, vae fazer «o home entrar na orde», o estudante atira-lhe um punhado de pimenta aos olhos e safa-se muito serenamente pela primeira porta.

Caso bicudo, este. Trata-se do crime de abuso de liberdade de tempero, não previsto pelo Codigo. O rapaz ainda vem a ser julgado por um tribunal colectivo de cosineiras. Escolham das mais feias que são as que se não deixam enternecer.

No Curso Superior de Letras declara-se a grève. O professor Adolpho Coelho insiste, porem, em dar aula, não se deixando vencer pela attitude decisiva dos rapazes que nem á mão de Deus Padre consentiriam que as aulas funcionassem.

Entra na sala e toma a porta com os braços abertos, declarando que não consentiria que perturbassem os trabalhos na aula. Os rapazes murmuram e avançam. Na mesma attitude, o sr. Adolpho Coelho assume proporções heroicas de personagem de drama historico do sr. Marcellino Mesquita e brada:

— Ninguem entrará senão por cima do meu cadaver! Não de vencer-se de que em Portugal ainda ha portuguezes!

Não cahiu o panno logo por um descuido do contra-regra e a

grande scena produziu o effeito contrario ao desejado: desatou tudo a rir.

O mais comico da passagem, porem, é que os estudantes, considerando para todos os effeitos o sr. Adolpho Coelho cadaver, cantam á passagem de s. ex.^a a ladainha de defunctos.

No Lyceu de S. Domingos, o reitor, pessoa prudente, manda evacuar o edificio e fechar as portas. A rapaziada sae e entra para uma vaccaria muito proxima do lyceu.

A policia gira pelo local colliando as tragicas péras, de olho áler-ta. N'isto o reitor apparece a uma janella e grita:

— Oh senhores guardas, na vaccaria só deve estar quem quizer comprar leite.

A policia avança para a vaccaria... Mas mal chega ás portas, recua: os estudantes reclamam leite n'uma gritaria ensurdecadora e põem-se a beber o precioso liquido aos golinhos, dando estalos com a lingua.

Alguns mais atrevidos estendem os copos aos guardas e offercem:

— Oh sr. policia, vae uma pinga? Olhe que isto dá forças e coragem!

Ah Mocidade! Mocidade!... E pensar a gente que se tu não tens juizo, ainda ha quem tenha menos!...

O automovel está na ordem do dia, não só sportivamente falando, como tambem sob o ponto de vista calamidade publica. Raro é o dia em que os jornaes não registam um desastre occorrido nas ruas da capital, figurando o automovel sempre como algoz e nunca como victima. O pão nosso de cada dia é o atropellamento e o roubo de carteiras, outro genero de sport que está vingando entre nós de uma maneira assustadora. Se as garages automobilistas são um bello negocio, as fabricas de carteiras não são menos rendoso.

Pois, senhores, quem nos havia de dizer que haveria perigo maior para quem sahisse á rua do que fazerem-lhe mão baixa da carteira, e que esse perigo seria um aperfeiçoado meio de locomoção! Muito tem avançado este mundo de enganos! A ponto de ao virar uma esquina a gente dizer com os seus botões: oxalá que em vez de um automovel venha por ahí um gatuno!

Pela parte que me toca devo declarar que detesto o automovel. Nada conheço mais bruto, mais feio, mais fedorento. A este estafermo é que os estilistas de escada-a-baixo deveriam applicar a phrase consagrada: a morte com todo o seu cortejo de horrores.

O automovel é um espantallo enorme, pesadão, bruto, anti-esthetico. Meio de locomoção rapido, essa vantagem offerce perigos gravissimos não só para o peão como tambem para o tripulante do proprio carro, quando é vantagem, visto que a cada momento deixa de o ser, porque não se conhece monstro mais melindroso e sujeito a achaques que felizmente o fazem deter, dando treguas ás costellas do proximo.

E já viram estafermo mais incommodo? Uns roncam, outros as-sobiam, outros gemem... E o fedor da gazolina?

Bem: por aqui me fico. Não quero que os meus inimigos digam que o meu desejo é desgraçar uma industria. D'isso eram elles capazes e muito boa gente, tambem, de os acreditar.

Mas reatando, os accidentes na via publica, em que o automovel figura como instrumento de supplicio, succedem-se de maneira assustadora e começam a levantar protestos em letra redonda, que nem sempre são os mais efficazes. Alguns tenho lido na imprensa diaria, da justificada indignação contra as desalmadas correrias d'esses horri-veis vehiculos, permanentes ameaças ás vidas dos que por seu pé ou mesmo de carro tenham de transitar pelas ruas de Lisboa. Noto, porem, desconsoladamente, que nenhum d'esses protestos representa alvite de providencia a adoptar contra o flagello. O mais furibundo d'esses desabafos veiu ha dias nas *Novidades*. Um cavalheiro qual-quer, indignadissimo, propunha... um comicio em que fosse ventila-da a questão.

Ora valha-nos Nossa Senhora! Um comicio para a gente escapar ao automovel! Mas não escapavamos ao chanfalho policial, de que os comicios são vehiculos conductores para as nossas costas!...

Nada, nada. Isso seria escapar do automovel para morrer da cura. O que haveria, porventura, a fazer, seria irmos, os sobreviventes, alli ao governo civil pedir ao sr. conselheiro Segurado — que na qualidade do seu appellido ha de morrer de velho — permita que a gente o acompanhe por mais algum tempo n'este valle de lagrimas, ordenando providencia energica no sentido de cohibir o revoltante abuso das desordenadas carreiras d'esses estafermos pelas ruas de uma cidade com fóros de civilisada, e fazer-lhe sentir que este condemna-vel estado de coisas só pôde convir aos cangalheiros e aos vendedo-

res de livros religiosos porque, subsistindo o perigo e dada a irregu-laridade da população, como todos teem que andar por essas ruas com o credo na bocca, todos terão que aprendel-o — comprando um cathecismo.

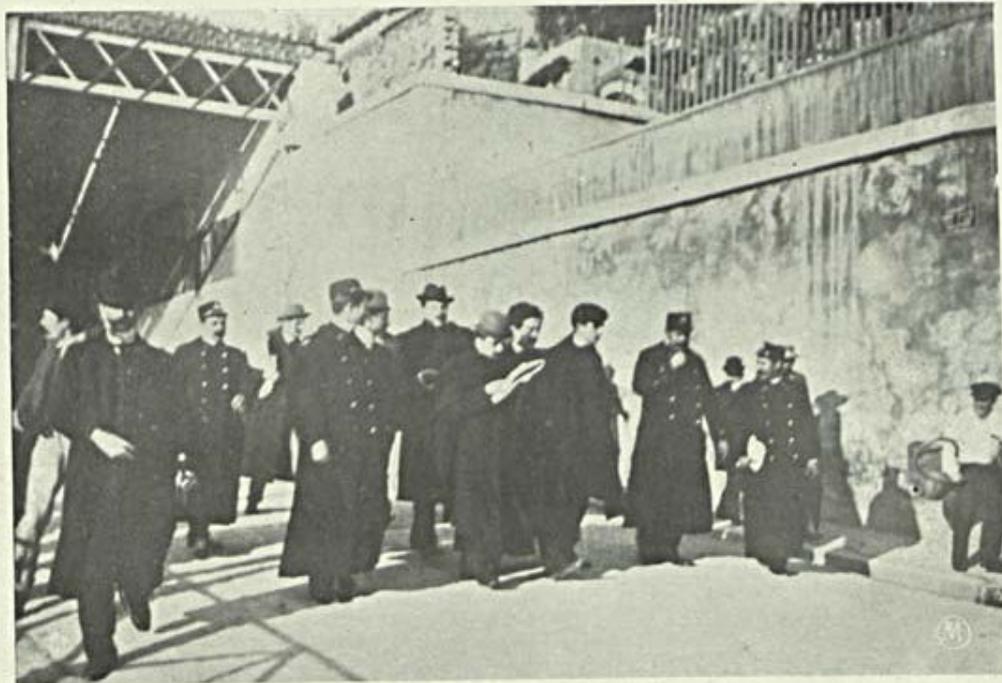
CAMARA LIMA.

As mulheres que se occupam de politica são gallinhas que se fazem abutres.

A abstinencia converte o homem em apostolo; a comida regular torna-o diplomata.

Educam-se os príncipes para que vivam com todo o mundo; deveria educar-se todo o mundo como os príncipes.

Chegada a Lisboa dos estudantes de Coimbra, escoltados pela policia



Carlos Olavo, Pinho Ferreira, Ramada Curto e Alberto Xavier

A Locomotiva

Ao meu muito presado amigo visconde de S. Boaventura

Da penedia o dorso se espedaça,
Accelera-se o rio espavorido;
Abrem o scio escuro bipartido
A selva e o monte: o trem de ferro passa...

Sibila e corre a machina; esvoaça
Dos passaros o bando foragido...
Bufa o monstro, e do bojo ennegrecido
Golpha rôlos de túrbida fumaça...

Rijo, forte e veloz; é uma Ideia
Condensada em metal, em ferro espesso;
Não recua, não cáe, não titubeia!

E vòa e rasga o luminoso ingresso,
O ramo arterial, a grossa veia!
Por onde corre o sangue do Progresso!

S. Paulo

Raymundo Corrêa.

SPORT HIPPICO

O DUELLO

Great Attraction n'esta luminosa primavera tão amaldiçoada pelos lavradores e que o nosso mundo elegante bem diz — as festas de *sport hippico* nos terrenos que o sr. conde de Font'Alva adaptou inteligentemente para esses exercicios, e as do velho hippodromo do Bom Sucesso.

A iniciativa das primeiras (saltos) deve-se ao sr. conde Font'Alva — esse Alfredo Anjos que todos os amadores de cavallos conhecem como um dos mais entendidos — e ao sr. Eduardo Romero, *sportman* distinctissimo.

Promoveram as segundas — corridas de cavallos *pur sang* e peninsulares — alguns officiaes que são consumados cavalleiros.

Os *clichés* que hoje inserimos foram colhidos nos terrenos Font'Alva, ha dias.

N'esse concurso destacaram-se, entre outros, o cavallo do sr. tenente Valladares, um do sr. conde Font'Alva, montado pelo sr. Sebastião da Cunha e Silva, e um do sr. marquez de Bellas.

Festa animada, por uma tarde de sol e assistencia escolhida. Grande numero de senhoras da primeira sociedade, entre as quaes madame Villegas. Notou-se a presença do sr. Infante D. Affonso, e muitos cavalleiros, e os professores de equitação Gagliardi, Antonio Portugal, D. José Manuel e Correia.

Ao sr. Conde de Font'Alva que a todos os convidados offereceu um esplendido tea e aos seus distinctos cooperadores os nossos mais sinceros parabens pelo bello exito d'estas festas que decerto muito vão influir no resurgimento do *sport hippico*, que tantas e tão honrosas tradicções tem entre nós.

Egroj.

O duello é inadmissivel perante uma civilização adiantada, e n'um paiz verdadeiramente livre, no qual o direito divino não pertenda impôr-se, por meio de superstições e de preconceitos.



No «Mail-coach» do conde de Font'Alva

Conde de Castro, Infante D. Affonso — D. Luiza de Aboim Amado — M.^{lle} Wandschneider — Condessa de Castro, José Sabugosa, etc.

Ninguém poderá afirmar que tenha desaparecido em Inglaterra o sentimento da honra pela prohibição do duello aos militares. A legislação americana pune com a pena da morte, em alguns Estados, o homicidio resultante do duello, sendo as testemunhas julgadas incapazes de exercer os cargos publicos e os direitos politicos, e sendo riscados dos respectivos quadros os militares de terra e de mar que estejam implicados em duello. Na Inglaterra, e nos Estados-Unidos da America, é, pois, dentro *da lei e da ordem*, que se encontra o desforço de qualquer offensa individual. Em Italia, ha pouco tempo, por causa de um duello, foi demittido do exercito o provocador, preso em uma praça de guerra o que o aceitou, tendo soffrido mezes de prisão os capitães que serviram de padrinhos, e os officiaes superiores do regimento, e tendo sido substituido o coronel no commando do corpo.

Luiz XIV creou as penalidades mais severas contra o duello. Napoleão era contrario ao duello entre militares, e entendia tambem que, pertencendo a vida do militar á patria, lhe cumpria consagral-a á sua defesa e prosperidade. O duque de Guise, cercado em Metz por Carlos V, reprimia os duellos, tendo reconhecido que os duellistas eram a deshonra e a escoria das tropas, sendo os primeiros a fugir nas occasiões mais criticas dos combates.

O duellista, fingindo não ter medo, não é senão um medroso, temendo as criticas dos que o cercam.

E não ha medo mais repellente, como não ha coragem igual a do homem que investe firmemente com a injustiça, com a hypocrisia, e com a infamia, onde e sempre que a encontre, a daquelle que pratica, em todas as circumstancias, o dever do homem justo, não obstante os riscos a que se expõha, e as consequencias que d'ahi possam resultar, porque a coragem mais difficil, mais rara e admiravel que todas as outras, é a coragem civica e moral do homem que, não obstante as violencias e os perigos, defende, por toda a parte e sempre, o direito e a justiça, que, não cedendo, nem ao interesse nem ao medo, cum-



Sport hippico

D. Jorge de Menezes, a pé. — Eduardo Romero, a cavallo

pre briosamente o que julga ser o seu dever, que desafia a impopularidade, que desdenha a calúnia, despreza os insultos e as vociferações, e segue o seu caminho direito, apesar de tudo.

E' a coragem do homem que, diante do abuso da força, protesta com energia, e recusa submitter-se á tyrannia e á iniquidade. E' a coragem de todos aquelles, obscuros ou celebres, que, collocados entre o interesse e um dever difficil ou perigoso, entre a equi-

mitte unicamente a esta a defesa dos principios estabelecidos por ella, e que prohibe ao individuo defender-se pessoalmente.

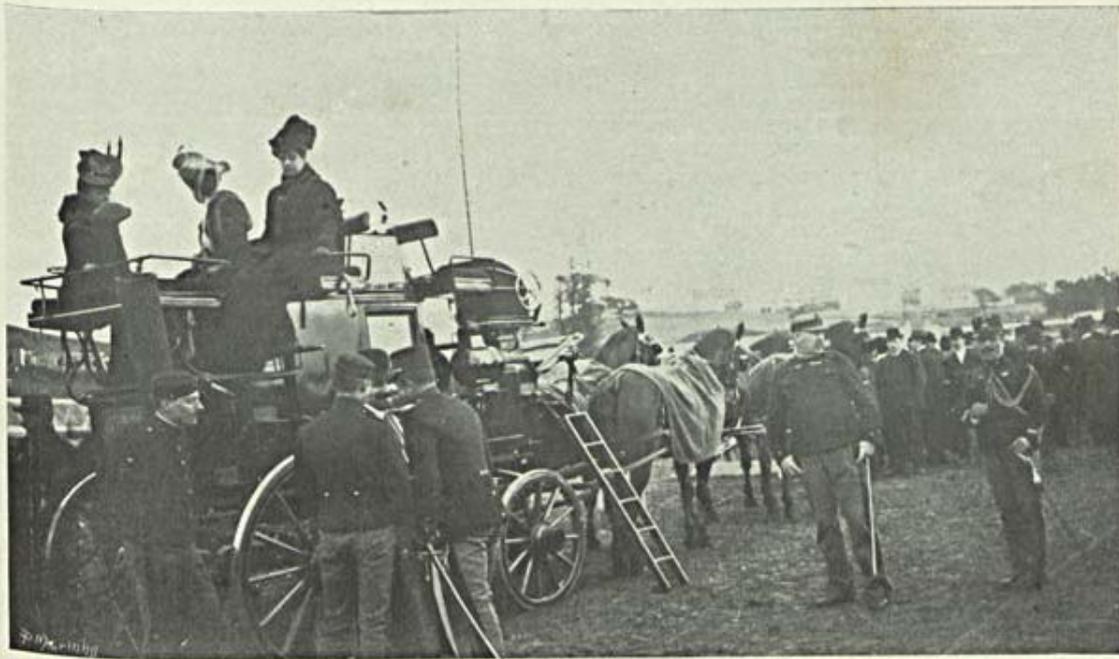
Os defensores do duello fazem á humanidade a injustiça de supôr que elle mantem as leis da delicadeza, como se para isso fosse necessaria uma ameaça permanente. Negando-se ao coração as propensões nobres e generosidade espontanea, ter-se-ha de admitir que a delicadeza tem de ser coagida para cumprir a sua bella missão na sociedade. E se a delicadeza necessitasse da ameaça, qualquer espadachim, com pontaria certa e caracter sanguinario, poderia exercer as funções de moralizador na sociedade.

E, quando hoje, em nome da civilisação se organisam Ligas contra as guerras internacionaes, é necessario que os *espiritos fortes* se levantem contra as guerras individuaes, porque, se ha convenções que tem por base a verdade, ha outras que tem por base a mentira, se ha convenções que correspondem a um certo estado de evolução social, ha outras que deixaram de lhe corresponder, e se ha convenções fundadas na razão, ha outras, como o duello, fundadas no absurdo.

Nas diversas funções da actividade humana, uns salientam-se mais que os outros n'aquellas para as quaes tendem naturalmente. Uns distinguem-se nas artes, e especialmente n'uma certa arte, outros nas sciencias, e

particularmente em determinado ramo da sciencia, uns na lingua-gem falada, outros na escripta, uns nos exercicios equestres, outros nos variados jogos, e singularmente no das armas. Não pode haver portanto maior absurdo que collocar a mais nobre qualidade humana, á mercê de um simples acaso, ou de um dom especial que a natureza concede a uns de preferencia a outros. Um duello, em que as circumstancias dos combatentes não sejam proximoamente eguaes, converte-se em um assassinato, como foi o do mallogado José Julio de Oliveira Pinto.

Finalmente a Liga Portuguesa da Paz qualifica o duello de immoral, illegal e injuridico, pela sua natureza, de ridiculo ou tragico pelos seus effectos, de muitas vezes futil e banal pelos seus moti-



Sport hippico. — «O Mail-coach» do conde de Font'Alva

Condessa de Castro — M.^{elle} Wandschneider

A pé: Infante D. Affonso — Eduardo Senna e condes de Font'Alva e de Castro

dade e a injustiça, entre a verdade e a mentira, marcham sem temôr para onde os chama a sua consciencia de homens justos.

E nem todos tem a coragem moral, porque a mais alta coragem humana é collocar acima de tudo o sentimento do dever. E essa coragem só a possuem os individuos que tenham o culto da liberdade e da justiça

J. J. Rousseau aprecia na Nova Heloise o duello com os seguintes encantadores conceitos:

«Quando mesmo se despresasse o que recusa bater-se em duello, que desprezo é mais terrivel, o dos outros por fazer o bem, ou o de si proprio por praticar o mal? Aquelle que a si mesmo verdadeiramente se estima é pouco sensivel ao desprezo dos outros, por

isso que o bom e o honesto não depende dos homens, mas da natureza das cousas. E, se a humanidade é a base de todas as virtudes, que se deverá pensar de um sanguinario e depravado que se atreve a atacal-a na vida do seu semelhante? Poderão d'ahi resultar inconvenientes? Mas esses inconvenientes são o murmurar dos ociosos, dos malevolos que se recreiam com o mal alheio, e querem ter uma nova historia para contar; e se o philosopho e o sabio se regulam nos negocios mais importantes da vida pelos discursos insensatos das multidões, de que serve todo o apparatus de estudos, para, no cabo de tudo, ser um homem vulgar? Não ha nada menos nobre que essa honra que tanto assoalham, e que não passa de uma falsa imitação da virtude que se atavia com o crime. A honra de um homem não está em poder de ninguem, existe em si propria, e não na opinião dos outros, e não é com a espada, nem com o broquel que se pode defender, mas com o testemunho de uma vida integra e irreprehensivel. Pelo que toca á coragem, este combate vale bem o outro. E' por isso que o homem corajoso desdenha o duello, e que o homem de bem o abomina.

Max Nordau entende que o duello pertence aos primeiros phenomenos anthropologicos, representando a forma mais simples da lucta pela existencia, e que elle é a negação de todos os principios sobre os quaes se acha estabelecida a nossa actual civilisação, e que, sendo a proclamação da lei primitiva, as sociedades modernas tem o dever de o repellir. E afirma o illustre pensador que o progresso no desenvolvimento do direito natural do mais forte, do direito da sociedade civilizada, consiste no reconhecimento do principio de que esse direito não depende da força do individuo, o qual não somente não tem necessidade de se defender, como não deve mesmo fazel-o, se não quizer transgredir a lei fundamental da sociedade que per-



Sport hippico — Um grupo de cavalleiros assistindo aos saltos

No 1.º plano: Rodrigo de Castro Pereira e José Maria Casal Ribeiro

vos, de fundamentalmente inferior nas suas origens quasi sempre inconfessaveis, substituindo a justiça collectiva pelo arbitrio individual, e a justiça social pela justiça pessoal, sendo um verdadeiro acto de revolta contra o dever determinado pela Moral, contra a justiça firmada pelo Direito, e contra a ordem estabelecida pela Lei.

FELIX.

A diplomacia e os Vinhos

Portugal em face das estatísticas está em posição invejavel no commercio decrescente de vinhos alcoolizados do mundo.

Quando o decrescimo de consumo de vinhos no mercado inglez é evidente e quando a Gran-Bretanha é, com enorme differença dos outros consumidores de vinhos do Porto, o nosso primeiro comprador, a que vamos nós com medidas odiosas internas, procurar resolver uma questão internacional que só pôde ter attenuantes duraveis com favores alcançados diplomaticamente e sem comprometter altos interesses economicos do reino?

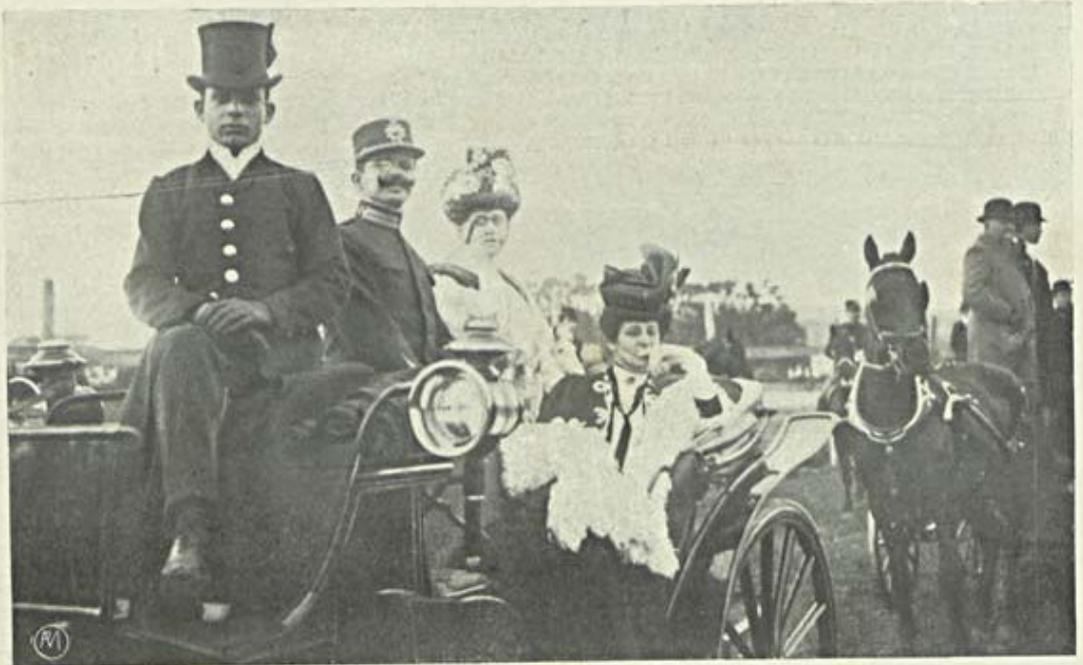
As cousas são o que são e não aquillo que nós queremos que sejam.

A situação para os vinhos fortemente alcoolizados portuguezes em Inglaterra é tal, apesar do decrescimo de consumo n'este grupo, que em 1905 entraram em relação aos de outros paizes na percentagem de 94,7 por 100 e isto, note-se bem, pagando de direitos por pipa

mais libras 10.13

do que os vinhos menos alcoolizados do 2.º grupo!

Este meu parecer foi confirmado na camara alta pelo sr. conselheiro Wenceslau de Lima, auctoridade consideravel no assumpto, que affirmou ser a crise do Douro, sobretudo, determinada pela



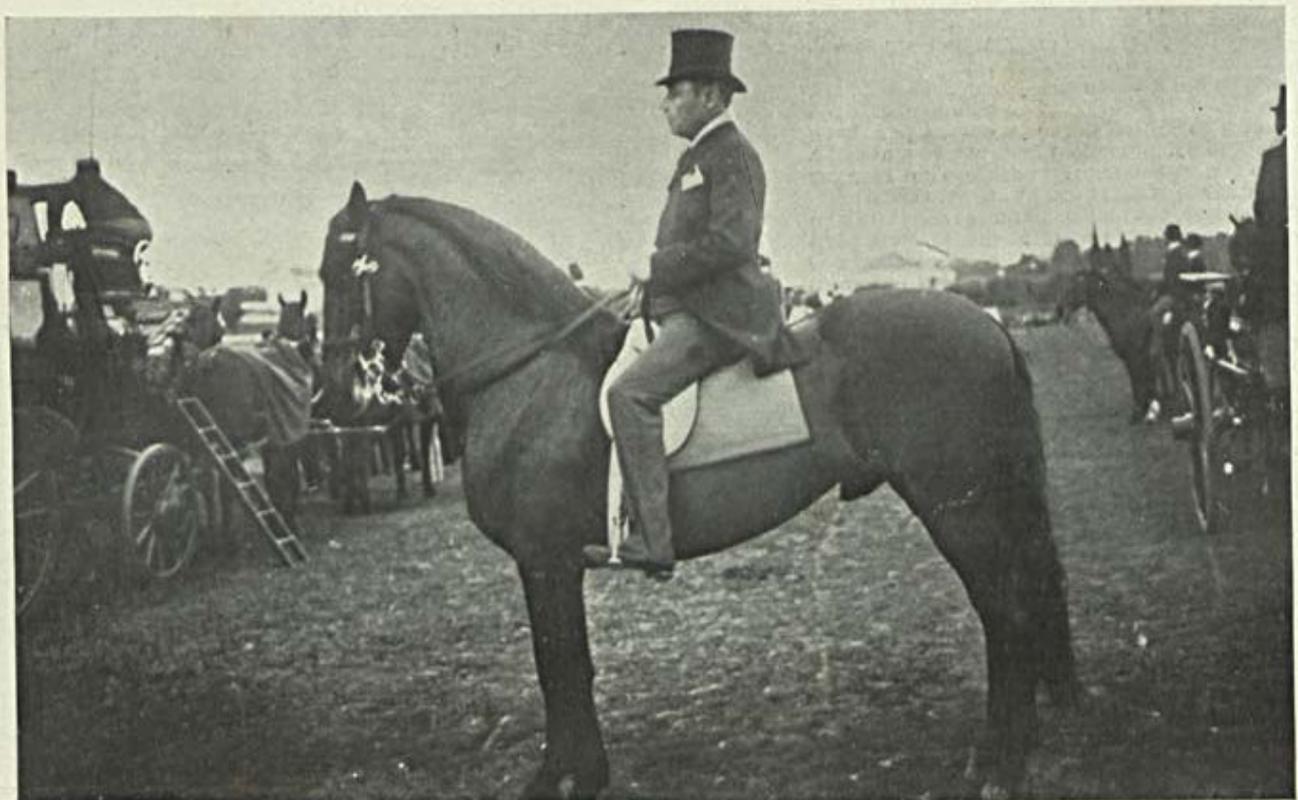
Sport hippico

Tenente Jayme Carvalho da Silva, sua esposa, e M.^{me} Alvaro de Mendonça

restricção do consumo na Inglaterra, onde o regimen fiscal de 1886, aggravado em 1889, impõe aos vinhos licorosos do Douro mais *10 libras, por pipa de direitos do que aos vinhos menos alcoolizados nossos e de outras proveniencias.

Conhecendo esta situação pautal afflictiva, no seu notavelmente maior mercado, para vinhos já de si caros, o illustre estadista, com o senso e o tino diplomatico, que ninguem lhe pôde negar, servidos por um espirito altamente culto e intelligente, tratou de vêr se bem servia a causa duriense usando das prerogativas que lhe conferia o logar que occupava de ministro dos negocios estrangeiros. Ao abandonar a pasta, depois de 58 dias de ministerio, deixava concluidas e promptas para serem remetidas ao ministro portuguez de Londres instruccões completas para uma negociação com o governo inglez sobre tal assumpto.

Evidentemente, esse era o bom caminho a seguir. Tentava-se acudir ao Douro, sem prejudicar nenhuma fonte de rendimento da nossa pobre economia rural, atacando o problema sem emba-



Sport hippico

O professor de equitação, João Gagliardi

ges nem phantasias, sem relatorios louyaminheiros nem projectos complicados e retorcidos. Não se partia de supposições, olhava-se para um facto real; não se pretendia descobrir um mal invisível, ia-se de cara, mas com bons modos, extirpar um cancro diagnosticado, visível, classificado.

Para este ponto não será nunca de mais chamar a atenção do publico e para fazer sumir esse diferencial esmagador, todo o esforço dos governos e da nossa parece que potente diplomacia londrina seria abençoado e economicamente digno, logico e entusiasticamente seguido por todo o paiz vinhateiro e agricola, porque era scientificamente economico.

Seria isso difficil? Evidentemente não é facil porque a corrente em todo o mundo, impellida pela opinião dos medicos e dos hygienistas, é contraria aos vinhos fortes e portanto ao Douro. Os governos estrangeiros acompanham de boa mente essa orientação que lhes favorece as finanças e o jogo de pautas nas negociações de tratados de commercio. Mas emfim era menos difficil do que arranjar favores aduaneiros especiaes tendo nós diminuto consumo a oferecer para mercadorias estrangeiras.

E ahí está a prova o o que conseguimos da Belgica, devido á perfeita orientação do ultimo ministro dos negocios estrangeiros, no gabinete da presidencia do sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

Vale a pena demorar-me um pouco sobre este episodio diplomatico-economico.

O ministro de Portugal em Bruxellas prevenia em março de 1904 a nossa chancellaria de que o governo belga pensava augmentar os direitos d'entrada de vinhos sob pretexto das fraudes que se amudavam por motivo do accrescimento do direito de entrada dos alcooes.

Deve dizer se, antes de proseguir, que Portugal, desde 1897, tem na Belgica o tratamento de nação mais favorecida. Mais é preciso notar, que excepcionalmente na sua politica aduaneira liberal, são presadissimos os tributos fiscaes impostos ao alcool e ás bebidas espirituosas.

Dito isto vamos ver em que termos se apresentava a ameaça do annunciado augmento. O grau normal para a entrada de vinhos na Belgica baixaria de 15 a 12 graus. Isto queria dizer que o vinho entre 12 e 15 graus pagaria 3 fr. 50 por grau e hectolitro e enquanto os de gradação superior pagariam 10 fr. 50 por grau e hectolitro.

O vinho da Madeira com 18 graus em média e o do Porto com 21 graus passavam a pagar respectivamente por pipa de 534 litros, de 127 fr. 49 — 171 fr. 38 ou sejam mais 34 por 100, de 218 fr. 90 — 269 fr. 67, isto é, mais 23 por 100.

Este sério obstaculo que se erguia ante a nossa crescente exportação vinicola para aquelle paiz colleou-se, seguindo a orientação que ao penultimo ministerio regenerador déra nas suas relações economicas exteriores o illustre estadista a quem me referi.

Essa orientação era toda no sentido de desprender o commercio de vinhos das peias d'escalas alcoolicas, alcançando a consagração

de vinhos typicos, á margem e a salvo de quaesquer sobretaxas, por isso que natural e tradicionalmente assim são produzidos com esse teor d'alcool.

Após periepticias e diligencias varias, veiu a ultimar-se a negociação em abril de 1905, estando já outro ministerio no poder, obtendo-se que continuassem a ser admittidos até 15 graus os vinhos estrangeiros acompanhados de certificado de origem que



Sport hippico

Carro de caça do conde de Font'Alva. — Varias senhoras assistindo aos saltos a cavallo, José Mousinho de Albuquerque

testemunhasse da sua pureza, conforme reclamára o governo portuguez.

Ahi teem, meus senhores, uma amostra do que a vinicultura póde esperar dos serviços diplomaticos fóra de tratados e de convenções commerciaes, que tão difficilmente um paiz pequeno consegue fechar com vantagem.

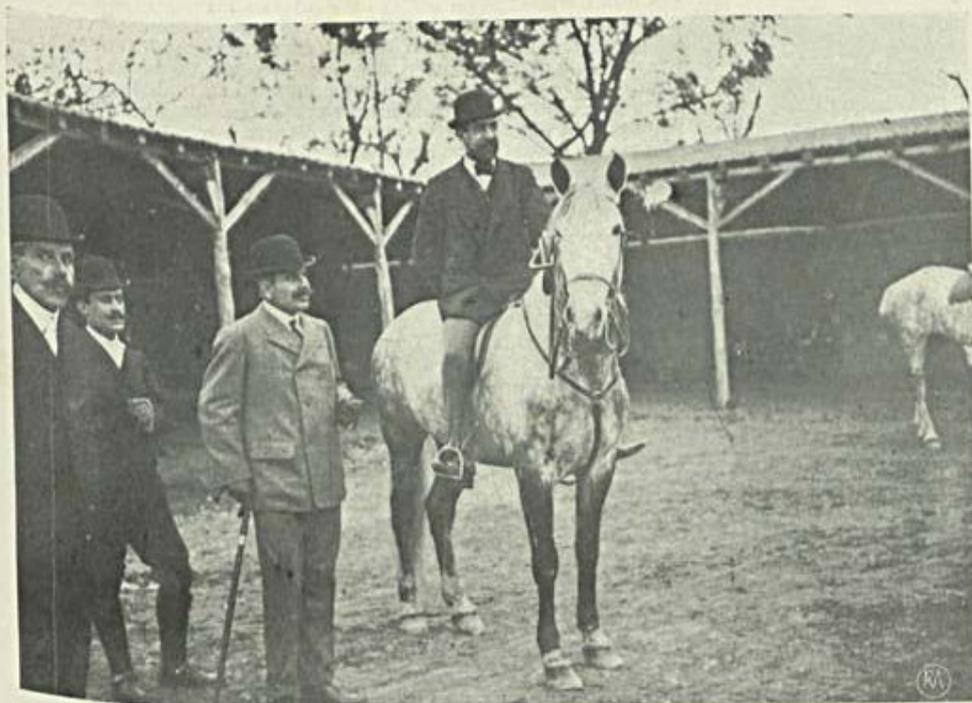
No campo da repressão da fraude alguma coisa por essa via se pode conseguir e se tem conseguido.

O caso bem conhecido; Blandy Brothers & C.ª prova-a plenamente.

Levou sete annos a derimir-se o pleito, que, iniciado particularmente, devido á energia e fortuna d'aquella casa exportadora de vinhos da Madeira, muito acompanhado e auxiliado foi pela diplomacia portugueza. Rememoremos rapidamente a contenda.

Os hespanhoes estavam introduzindo em França vinhos seus, sob a falsa designação de *Madeiras*. A firma Blandy intentou um processo no tribunal do Havre contra os que assim fraudavam essa marca. Dos incidentes diplomaticos occorridos a tal proposito, o primacial foi a antecipada reunião da conferencia de Bruxellas, promovida pelos hespanhoes a fim de ver se conseguiam arrancar-lhe uma interpretação das convenções de Berne e de Madrid no sentido de attribuir á designação *vinho da Madeira* um significado de marca de typo de vinho que não de marca regional. Portugal venceu ahí e nada foi alterado no que vinha estatuido anteriormente. Esta victoria diplomatica veiu decidir, pode dizer-se, o pleito judicial que foi julgado a favor dos nossos interesses pela sentença do tribunal do Havre de 24 de julho de 1903.

O então ministro dos negocios estrangeiros, sr. conselheiro Wenceslau de Lima, pensou em não deixar perder esse exemplo de sanção penal e pratica para o estipulado na convenção de Madrid, aproveitando-o para combater os concorrentes desleaes que assoberbam com os seus vinhos as praças onde nós mais concorremos com os nossos.



Sport hippico

João Baptista Fernandes — Sebastião da Cunha e Silva — visconde de Tojal e Carlos Kruz

Começou-se pelo Brasil e, apesar do exito alcançado, parece que não foi seguido este optimo plano pela nossa chancellaria.

Em virtude de instrucções superiores aos nossos representantes em Madrid e no Rio de Janeiro, poudo realizar-se em junho de 1904 na capital federal uma grande tomadia de vinhos hespanhoes portadores da falsa declaração de vinhos verdes de Monsão e de Amarante, seguida de outras não menos importantes que orçaram no total por mil e duzentas pipas.

Esforçámo-nos por alcançar perda de mercadoria para o suctor da fraude ou o maximo da multa fiscal. Não conseguimos tanto, mas pelos tribunaes foi a apprehensão julgada boa e subsistente, nos termos incriminados pelo convenio de Madrid, por todas as instancias do fóro brasileiro, que finalmente condemnaram os donos do vinho ás avultadissimas custas do processo, mandando destruir nas vasilhas as marcas indicativas da falsa procedencia.

A victoria material não foi pequena, mas a moral foi consideravel, pois que lançou grande descredito sobre os vinhos hespanhoes, provocando maior procura de vinhos portuguezes.

No parlamento da republica a questão ventilou-se no sentido de urgentemente se armarem os tribunaes com uma lei que lhes permittisse a mais efficaz repressão d'estas fraudes. Nobremente o governo brasileiro acompanhou esse desejo, fazendo publicar o decreto de 25 de novembro de 1905 que regula a applicação pratica dos beneficios do convenio de Madrid.

Debaixo d'este aspecto da repressão da fraude nas marcas em mercados estrangeiros, não ha duvida que a restricção da barra do Douro é um argumento, mas argumento que nos sae muito caro e do qual não tiraremos resultado de maior porque a bolsa e o paladar estrangeiro já não são como d'antes, para o nosso Porto forte e caro.

Além d'isso aquellas mesmas diligencias diplomaticas apontadas mostram como não era necessaria tão violenta medida para que justiça nos fosse feita no estrangeiro, apoiada na clausula dos convenios internacionaes que regulam a materia.



Sport hippico

Commendador Jorge de Almeida Lima e os srs. padre Anão e Jorge O'Donnell Pacheco

D. LUIZ DE CASTRO.

A lei do propheta

William Morris, ao terminar uma conferencia, reconhecendo sem desalento a larga distancia que medeiava da grandeza das suas aspirações aos parcos meios de as realizar, entre o impulso do sonho e o poder do braço, terminava por esta affirmação: — "Todo o homem no fundo de cujo coração domina uma causa, está obrigado a proceder como se esta dependesse unicamente d'elle, seja qual fór a consciencia que possa ter da pobreza dos seus merecimentos. E assim da mera opinião nascem as acções."

Tolstoi, no seu *Diario*, repete, transmutando em imagem o pensamento: — "Diz-se que uma andorinha não faz a primavera, mas porque uma andorinha não faz a primavera, a andorinha que sente a primavera não ha de voar, deve esperar? Então, cada renovo, cada herva deve esperar, e jámais haverá a primavera."

Eis a lei do propheta: — a acção, regra suprema, sujeita a todo o acaso. A crença que não conduz immediatamente ao movimento, que não tenta exprimir-se impetuosamente, na transformação das cousas e na alteração das relações do homem com todo o universo, não é na realidade a fé. Enquanto hesita, transige, dobra e cede, a si mesma se vae negando de continuo. A aspiração que se confessa vencida e abdica, duvida, por esse facto, da propria força e verdade.

Assim, os maiores vicios da ordem social prolongam-se, não por falta de coragem dos que os vêem sem lhes experimentar remedio, mas por falta de fé. Pois, se ella existe, todo o estorvo e fraqueza desaparece; a visão de um novo mundo é tão clara, tão segura, reveste-se de uma tal infallibilidade que o crente corre a dar-lhe fórma e realidade, cego a quanto póde contrariar-a ou destrui-la. Desde os mais simples objectos da habitação, do trajar, do culto, do sustento e do adorno, até ao proceder nas relações humanas, — dedicação, civismo, caridade, — o crente e o infiel descobrem a cada passo todo o intimo. Este que condemna a propriedade e ao mesmo tempo a guarda, allegando inutilidade de a renunciar em meio de uma sociedade cujas leis e costumes a acceitam e defendem, não

crê; se confiasse, julgaria antes que no dia em que cedesse os bens, todos os homens queriam segui-lo, seduzidos por eguaes miragens de paz, felicidade e alegria. Aquel'outro que vae contrafeito em trajos apertados e os apregoa incommodos, nocivos e ridiculos, sem jámais todavia os abandonar, pelo medo de ser escarnecido, duvida, embora em seu dizer queira afirmar; se não duvidasse, teria

por seguro, que bastava o seu exemplo para converter os demais a novos habitos. O compassivo que chora a desgraça alheia e calculadamente a não soccorre, temendo privações, que para elle determinem a miseria, é um coração ainda adormecido e frouxo; se acordasse, veria na pobreza tantos bens, e tamanhos prazeres na caridade que, em vez de succumbir aos seus receios, agradeceria a sorte que lhe abrisse os portaes da vida.

O propheta ignora a rebeldia, e nega-lhe a victoria. Perguntae á andorinha ou ao gomo tumido se algum d'elles sonhou e póde crêr que a primavera soffre interrupção, voltam gelos, vendavaes, tempos estereis, destruindo os ninhos e queimando as folhas tenras que os alentos do sol já desdobraram? Perguntae ao crente, que a missão divina exalta, se algum laço póde sustel-o, se consente adversidade que lhe derrube as torres magnificas? Com um passo equal, sereno e firme, semeia; e, em vez de temer que o grão apodreça ou nasça mal, vê com uma certeza inabalavel, como a consciencia que o determina, uma crescida seára, brotando das sementes que por suas mãos lançou á terra, regando-as com o suor do proprio rosto e transfundindo n'ellas o seu sangue.

Jayme de Magalhães Lima.

Diante do Crucifixo

A vossos pés, meu Deus, venho lançar-me,
Opprimida de pejo e confusão.
Se a senda percorri da perdição,
A Vós, meu bom Jesus, quero voltar-me.

Não cessaes, Pae clemente, de chamar-me.
Para vir implorar o meu perdão.
Valha-me o vosso amante coração!
Despregae essas mãos, vinde abraçar-me.

Quem em mundano prazer só acha encanto,
Brevemente verá como elle cança,
E ao prazer succede a dôr e o pranto.

Só em Deus, na tormenta achei bonança,
Ergo os olhos ao lenho sacrosanto,
N'elle vejo meu pharol, minha esp'rança.

Maria José Furtado de Mendonça.

Manhãs do Campo Grande

Politica internacional



Manhãs do Campo Grande. — S. M. a Rainha D. Amelia e Conde de S. Lourenço

Por pouco que a questão de Marrocos se não reabre a proposito do assassinato do doutor Mauchamp. Felizmente por agora tudo parece harmonizado. A França, como desforço pelo crime commettido contra um seu nacional, occupou a cidade proxima da sua fronteira argelina — Ujdja, reclamando ao mesmo tempo do governo marroquino satisfação por todos os ultrages passados, que ainda estavam por liquidar. A Alemanha que de principio se sobressaltou com o acto de força da Republica, e que já começava contra elle a propaganda da sua imprensa, recuou prudentemente ao vêr a attitude do resto da Europa, e nomeadamente da Inglaterra e da Italia, para com a deliberação do governo de Paris. Finalmente o Maghzen, convencendo-se de que nada tinha a esperar da protecção alemã e de que a decisão da França d'esta vez não se prestava a equívocos, prometteu tudo quanto d'elle a França exigio, e as suas auctoridades, a começar pelas da cidade occupada, rivalisam de subserviencia para com a França, que até ha bem poucos dias procuravam por todos os modos achincalhar e ferir.

Parece, pois, que tudo se harmonisou mais depressa e melhor do que a principio se havia supposto. No entretanto ninguem se deve illudir com relação á natureza da actual pacificação. O perigo subsiste o mesmo, e, embora latente, pôde de um momento para o outro surgir mais ameaçador. Vê-se pelo que agora aconteceu como é facil n'um momento ameaçar o accordo das potencias, que tanto trabalho deu a estabelecer em Algeciras. Amanhã um novo crime ou um novo attentado contra a dignidade da França pôde dar origem a novas complicações. Nem sempre estará á mão uma cidade fronteira para occupar como refem, e nem sempre a situação da Europa poderá estar como agora propensa para uma solução conciliadora, sobretudo emquanto a Alemanha e a França conservarem as suas actuaes posições irreductiveis. E' porisso que o *Times* n'um artigo, que fez sensação, advoga a necessidade de um accordo franco-alemão, para que a questão de Marrocos perca o caracter perigoso, que a converte n'uma permanente inquietação para a Europa. Não ha duvida que este accordo é particularmente difficil, não sómente pela situação mutua das duas potencias, mas ainda pela posição d'ellas para com a Inglaterra depois da *entente cordiale*. E' no entretanto a condição unica de uma verdadeira pacificação, e emquanto não fôr por uma forma ou outra realidade, a questão de Marrocos será pesadello in-commodo que de vez em quando nos acordará com as suas desagradaveis surpresas.

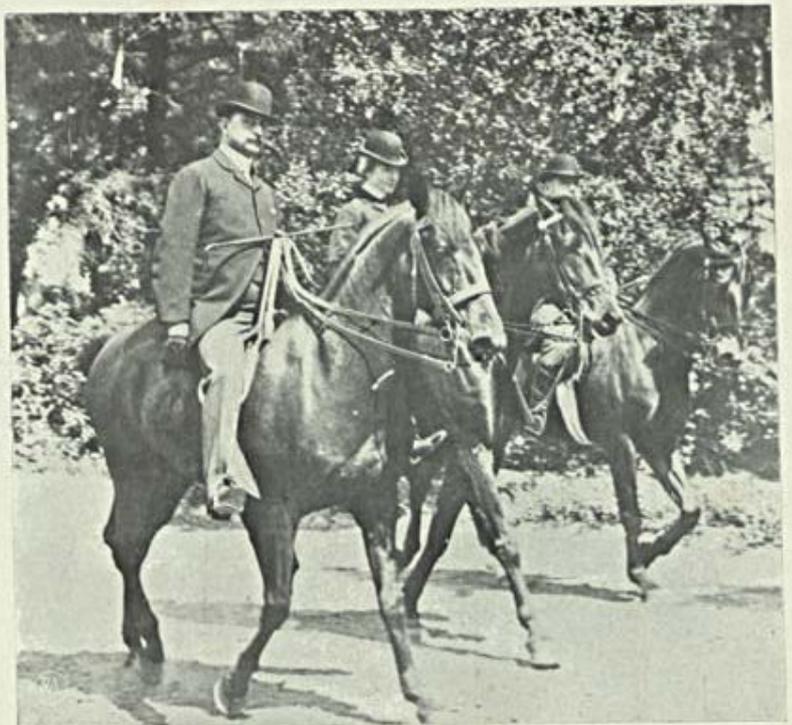
Muito se tem discutido e muito ainda se discute a proposito da reunião da segunda conferencia da Haya. O que sobretudo chama as geraes attentões n'esta reunião é a proposta que a Inglaterra decidiu apresentar, com o apoio dos Estados Unidos, para a limitação dos armamentos. Affirmou-se ao principio que estas duas nações se retirariam da conferencia se tal proposta não fosse in-

As manhãs do Campo Grande marcaram este anno decididamente, pois ás segundas e quintas feiras que são os chamados *dias da moda* reúne-se ali, das dez ao meio dia, tudo o que Lisboa tem de mais distincto na primeira sociedade, no corpo diplomatico, mundo commercial e alta finança.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia rara é a manhã em que ali não vae passear a cavallo e n'isso tem sido seguida por um grande numero de senhoras, entre as quaes as sr.^{as}: viscondessa de Sistello, D. Maria do Carmo e D. Maria d'Assumpção de Mello (Sabugosa), D. Leocadia da Guerra Quaresma Vianna, D. Sophia d'Andrade Bastos, D. Fernanda Barbosa Graça, D. Helena Mauperrin Santos, D. Maria da Cunha Menezes, filhas e sobrinha, D. Luiza de Vasconcellos Cabral, as filhas do sr. Antonio Ramos, D. Maria Izabel Burnay, D. Maria Thereza Briffa, D. Sara Caza-leiro Tavares, D. Margarida Lopo Vaz, D. Maria Henriqueta de Vasconcellos, etc.

No Campo apparecem os mais bellos exemplares de cavallos, os mais modernos automoveis, as equipagens mais *chics*, e raro não é vêr varias das mais gentis senhoras da nossa sociedade, D. Luiza Cabral Pinto Barreiros, D. Maria de Vasconcellos de Almeida, mesdemoiselles Sommer á frente — governando os seus *tonneau* e *phaeton-dame*.

As gravuras hoje insertas, referem-se a uma das ultimas manhãs no Campo.



Manhãs do Campo Grande. — D. José de Mendôça (Azambuja) Conde de Sabrosa e sua filha

Nas grandes coisas os homens mostram-se como lhes convem mostrar-se: nas pequenas coisas mostram-se como são.

Ha duas especies de escriptores de genio — os que pensam e os que obrigam a pensar.

cluida no programma das discussões. Por outro lado replicou-se que a Allemanha e a Austria abandonariam Haya no caso de semelhante discussão se dar para ordem do dia. Em qualquer dos casos, e collocada a questão com esta intransigencia, seria o mallogro da conferencia mesmo antes de se abrir. Felizmente noticias officiosas posteriores parecem modificar para melhor a situação. A Allemanha fez saber officiosamente que não se retirará da conferencia, ainda que ali se discuta uma proposta para a limitação dos armamentos. E enquanto a Inglaterra é prova vel que proceda da mesma fórma. Em todo o caso, apesar da comunicação official da Russia aos ministros e embaixadores estrangeiros acreditados em S. Petersburgo de que todas as potencias adheriram em principio ao programma apresentado pelo tsar, tem de soffrer diversas e importantes correções, visto que por parte de alguns estados se annunciaram reservas sobre certos pontos. Assim, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Hespanha manifestaram o desejo de que o programma incluísse a questão dos armamentos. Os Estados Unidos reclamaram que se discutisse tambem a doutrina de Drago, que prohibe que se recorra á força para a cobrança das dividas publicas. Compreende-se que n'este ponto estão com os Estados pelo menos todas as republicas sul-americanas, que são as nações especialmente visadas e que mais temem que lucrar com a adopção de semelhante doutrina. Além d'isso a Inglaterra, a Allemanha, a Austria-Hungria e o Japão abster-se-hão de qualquer discussão que lhes pareça não dever conduzir a um fim pratico. N'estes termos o accordo em principio, de que a Russia falla, pouco vale, e a conferencia arrisca-se a dissolver-se sem nada ter decidido, se é que ella chega a reunir-se, o que muitos duvidam.

O momento, não pôde negar-se, é o menos opportuno possivel para a proposta ingleza. A França receosa não consentirá em comprometter-se a não augmentar os seus meios de defeza. A Allemanha, sobresaltada pelo isolamento a que se vê condemnada, já declarou que só confia na força do seu exercito para se fazer repetir pelas outras nações. Basta, pois, a opposição d'estas duas nações, e ella é certa e irreductivel, para que a proposta da limitação dos armamentos seja arredada da discussão. E se esta questão é retirada da ordem do dia, o resto que na conferencia se pôde discutir pouco vale. Restam, não ha duvida, importantes questões a discutir sobre diversos pontos de direito internacional, em tempo de guerra por exemplo. Mas o effeito immediato do que a tal respeito se resolver pequena influencia terá para a cessação da guerra entre os povos civilizados. Pela nossa parte estamos até convencidos que quanto mais se *humanisar* a guerra, mais tempo ella durará. O que era preciso era deixal-a com todos os seus horrores e selvagerias, para que a consciencia universal revoltada com tal espectáculo lhe vibrasse o golpe de misericordia, amaldiçoando-a e supprimindo-a de vez como recurso indigno de povos cultos.

A entrevista de Rapallo entre o principe de Bülow e o sr. Tittoni, ministro dos negocios estrangeiros da Italia, continúa a ser tema de discussão na imprensa estrangeira. Parece, do que pôde deprender-se de certas indiscrições, que o principal objecto d'ella foi a proposta da limitação dos armamentos, que a Inglaterra deve apresentar á futura conferencia de Haya. E parece ainda, que n'esta questão a Italia se poz de accordo com a Allemanha para a exclusão do programma da conferencia.

No fundo, porém, devem ter sido outras as razões, que os dois ministros tiveram para se reunirem. Que na conferencia de Ra-



Manhãs do Campo Grande. — Um grupo

pallo se tivesse fallado da proposta ingleza, não ha duvida. Mesmo extrinheo seria que tal não succedesse. Mas só para isso não nos parece que os dois ministros realisassem a entrevista, que a tantos tem intrigado. O motivo d'ella deve ter sido mais complexo e de maior importancia. E não é difficil conjecturar qual esse motivo seja.

A Italia está atravessando um momento singularmente difficil e melindroso para a sua politica estrangeira. Alliada da Allemanha e amiga da Inglaterra, não podendo mesmo prescindir d'esta amizade, começa a inquietar-se seriamente da situação que esta dupla qualidade lhe está creando em presença do conflicto anglo-alemão cada vez mais irreductivel. A politica de bascula, que até agora a Italia tem adoptado não pôde continuar indefinidamente, e ameaça deixal-a isolada, perdendo a alliança alemã por causa da amizade ingleza, e compromettendo a sua amizade com a Inglaterra por causa da alliança com a Allemanha. Esta é a situação, que cada dia se torna mais urgente liquidar, para evitar qualquer desagradavel surpresa, que de um momento para o outro pôde surgir. A Italia tem de optar, e orientar a sua politica externa no sentido da escolha que fizer.

O papel que naturalmente melhor lhe conviria era o de intermediaria entre as duas nações rivaes, a que está ligada por compromissos e interesses. Mas esse papel é quasi impossivel para ella de o representar com bom exito, por isso que a rivalidade entre a Inglaterra e a Allemanha é d'aquellas que se não resolvem por combinações diplomaticas. Compreende-se um accordo entre a França e a Inglaterra ou entre esta e a Russia. Visando cada uma d'estas nações a fins diversos, com diversas aptidões e portanto com distincta acção historica, relativamente facil era harmonisar-lhes os interesses momentaneamente em opposição, indicando a cada uma a respectiva esfera de influencia. Apesar de ser difficil, não era impossivel semelhante tarefa para a diplomacia. E a prova de que o não foi está nos accordos ultimados, que puzeram termo ás rivalidades, que se suppunha serem inconciliaveis.

O caso da Allemanha e da Inglaterra é, porém, outro. Entre estas duas nações a incompatibilidade é permanente e profunda. Desde o dia em que o Kaiser annunciou que o futuro da Allemanha estava no mar, e que em consequencia d'esta sensacional declaração principiou a gisar programas de poderosas esquadras, e a traçar na carta dos dois hemispherios sonhos imperios coloniaes, vastos como mundos, ficou solemnemente proclamada a incompatibilidade entre as duas nações. Para que a industria de uma prospere é necessario que a da outra definha. Para que o commercio de uma se expanda é necessario que o da outra se retraia. O imperio colonial de uma só pôde ser talhado á custa do da outra. Finalmente para que uma



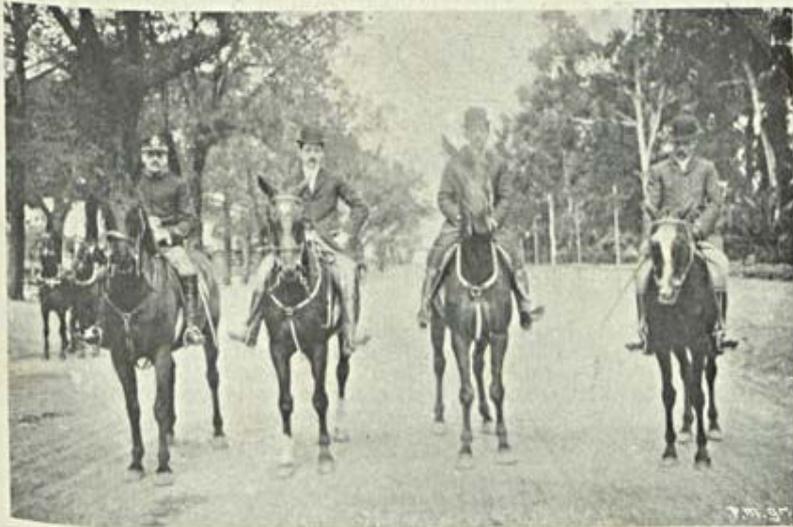
Manhãs do Campo Grande
Condessa de Bomfim e filhas



Manhãs do Campo Grande. — Ministra do Brasil — D. Guadalupe de Castro,
Condessa de Bois de Aiche — A pé, Antonio Oliveira Soares

impere nos Oceanos é necessario 'que a outra d'elles se retire como domina-
dora...

N'estes termos como é possivel a conciliação? E', pois, cada vez mais dif-



Manhãs do Campo Grande. — Marquez de Alegrete
Jayme e Salvador Roque de Pinho (Alto Mearim) — Barão de Fallon

ficil a situação da Italia, e não admira que ella faça todos os esforços para
sahir de tão falsa posição. A entrevista de Rapallo deve ter tido, como causa
principal, esta que acabamos de apontar.

CONSIGLIERI PEDROSO.

CONVIDADOS

Os convidados dividem-se em duas classes bem distinctas; os convidados
optimistas, e os convidados pessimistas, o convidado que ri e o con-
vidado que chora. Heraclito e Democrito em volta d'uma meza.

Ha o convidado que se diverte e o convidado que abusa, o convidado que
ri mostrando todos os dentes e come á vontade, e o convidado que dispende

o seu bom humor pa-
ra pagar a sua parte
em alegria. Um diz,
ao provar um vinho
velho que se abriu
de proposito para
elle: "Quem diabo lhe
vendeu semelhante
zurrapa? Olhe que o
roubaram!, Outro, se
lhe deitam vinagre
no copo, mostrar-se-
ha satisfeitissimo, e
dirá: "Que precioso
licor!,"

O convidado rabu-
gento acha tudo de-
testavel. O convidado
amavel apanha uma
indigestão e ainda fi-
ca muito contente. De
Caislin, o homem mas
polido de França, di-
zia a um pobre diabo
que lhe tinha offere-
cido um copo d'agua:
"Em toda a minha vi-
da nunca jantei tão
bem.,"

Ao lado do con-
vidado incivil e descon-
tente, pode se collo-
car o amphytrião en-
fatuado, aquelle que

parece tratar os seus hospedes como se elles não tivessem que comer em
casa, e que lhes recommenda os seus vinhos como se elles ignorassem o que
seja uma frasqueira.

— Beba, meu caro, dizia um grande financeiro a um grande pintor, seu
convidado. Beba, porque não bebe d'este vinho todos os dias.

— Felizmente, respondeu Delacroix, porque não é grande cousa! ..

Rastignac.

Soneto

A' noite vem sorrisos luarisados
Pousar nas plantas mudas, silenciosas,
De cujos beijos nasce a côr das rosas,
E o perfume dos lyrios aljofrados.

Fondas tristezas, gritos represados,
Prantos gemidos, queixas dolorosas,
Parecem vir do coração das cousas,
Em turbilhões d'abyssos, soluçados.

Toda esta magoa, a lua que desliza
Na vastidão dos Ceus, gelada e calma,
Com seus doridos beijos suavisa.

E eu contemplo este quadro de tristeza,
Mas olhando a que vibra na minh'alma
Sinto-a maior que a Dôr da Natureza.

Horta — 10-2-907.

Manoel Rosa.

Onde canta o Sabiá



Dr. E. Bittencourt



D. Maria, Leonor Telles. — D. Amélia, Os Dragões de Villars — Mauricio Bensaude. — Gymnasio. — Trindade. Colyseu dos Recreios, Donnini. — Principe Real, O' da guarda. — KUBELIK em D. Amélia e duas recitas da sociedade elegante em D. Maria



é uma peça nova, um original portuguez, destaca, na chronica theatral da quinzena. E' a Revista *O' da Guarda*, em scena no **Principe Real**.

E' certo que **D. Maria** e **D. Amélia** deram a duas *reprises* o valor de duas *premières*, pelos elementos que as constituíram, pelo brilho do desempenho, e pelos esforços das empresas para conseguirem aquelle resultado.

A *Leonor Telles*, de Marcellino Mesquita, realçada pelo pincel scenographico de Augusto Pina, deu com effeito ao publico que

encheu o theatro na primeira noite a impressão de uma novidade á *sensation*. E ao verem-se absolutamente confirmados os creditos de Brazão, na poderosa interpretação do seu papel, ao admirar-se o magnifico trabalho de Ferreira da Silva e Maia, e o excellento desempenho de Maria Pia, Augusta Cordeiro e Delphina Cruz, e ao applaudirem-se as tiradas mais frementes e arrebatadoras do drama de Marcellino Mesquita, geraes e sinceros eram os louvores á sociedade artistica do theatro normal, por ter a feliz idéa de ir buscar aos seus archivos as peças que, na actualidade, maiores glorias teem dado áquella casa, e que são joias authenticas e indiscutidas da nossa litteratura dramatica.

Merecedora de todos os applausos era tambem a empresa de **D. Amélia**, quanto mais não fosse, por ter dado ensejo a que um artista portuguez, que nos palcos estrangeiros tem celebrizado o seu nome, visse confirmados o seu valor e os seus creditos pelos applausos dos seus compatriotas.

E teve-os em larga escala, sem sombra de favor, conquistados pelo seu talento de artista, e pela sua bem timbrada voz de barytono, Mauricio Bensaude, nos *Dragões de Villars*.

Elle e Palmyra Bastos, a encantadora *Rosa*, enchem por assim dizer a notavel partitura, tão conhecida do publico de Lisboa.

Voz rica, aperfeiçoada n'uma primorosa escola de canto, poderosa, malleavel, docil, é um instrumento precioso de que o artista dispõe á farta, conjunctamente com todos os recursos de uma arte culta, e que todas as noites arrancam applausos até aos publicos mais exigentes.

Na canção militar do primeiro acto, no *brinde*, nos duettos com *Rosa*, de que Palmyra se sahio á maravilha, dando tambem aos principaes trechos do seu papel um grande brilho e encanto, mostrou se Bensaude um verdadeiro artista moderno, que nos *Dragões de Villars* como em trabalhos de maior responsabilidade, nas operas do grande repertorio lyrico, sabe erguer-se á altura do nome que creou e arrancar applausos justos ao publico e á critica.

O sumo da uva continua a fazer as delicias dos *habitués* do **Gymnasio**, assim como a **Trindade** com o *Jogo franco* ganha todas as partidas.

No **Colyseu** está funcionando toda uma companhia com quarenta grandes artistas, chamando-se todos elles: Donnini. E' que Donnini não é um homem, não é um artista; é um theatro; elle só, é uma opera lyrica, é umas *Folies-Bergères*, é um **Colyseu**. Elle é transformista, actor dramatico, maestro, prima-donna, artista lyrico, baixo, tenor, barytono, soprano, silhouetista, elle faz todos os papeis, todas as transformações, todas as surpresas, e quando chegamos ao fim da noite, temos a impressão de ter assistido ao mais variado, ao mais completo, ao mais interessante de todos os espectaculos. E' um artista unico, que só Antonio Santos seria capaz de descobrir para prestar mais um valioso serviço ao publico de Lisboa.

A Revista *O' da Guarda*, que está dando todas as noites enchenes collossaes ao **Principe Real**, é no genero, um dos melhores trabalhos que teem apparecido em palcos portuguezes.

Firmam-n'a dois nomes, ou antes um nome e um pseudonymo: Barbosa Junior e Luiz d'Aquino. Este ultimo, que tem apparecido no palco a agradecer os applausos juntamente com o seu camarada, occulta o nome de um escriptor theatral consagrado, e jornalista de reconhecido valor.

A Revista é boa a valer, felicissima nos ditos de espirito, nas referencias aos casos palpitantes, na caricatura de personalidades em evidencia, arrancadas a todos os meios sociaes, na critica desopilante dos acontecimentos. Tem todos os matadores, tudo quanto é indispensavel para o exito incondicional, absoluto, de uma peça d'este genero litterario, podendo os auctores gloriar-se de terem conseguido d'esta vez a mais larga tolerancia policial, o que não pouco contribuiu para o resultado que obtiveram.

A musica dos maestros Luiz Filgueiras e Philippe Duarte e o excellento desempenho dos artistas do **Principe Real**, salientando-se o velho Gil. Lucinda do Carmo, Vieira, Maria das Dores, Palmyra

grande realce, augmentado ainda com a esplendida scenographia de Augusto Pina, Eduardo Machado, Eduardo Reis e Luiz Salvador.

D'esta vez deu em cheio a empresa do **Principe Real**. Pelos modos, para a peça sahir do cartaz, muitos mezes decorridos, será preciso que se lhe grite bem alto: *O' da guarda!*

Já agora, não queremos rematar este registo theatral sem alludir ás noites de **D. Amélia** e **D. Maria**, em que os artistas d'aquelles theatros cederam o seu logar.

As divinas cordas do violino de Kubelik desferiram notas que o ouvido retem ainda, e a sua arte admiravel que possui todos os segredos deixa como que uma vibração saudosa e indelevel no coração de todos que o escutaram, de todos os que assistiram a essas noites de encanto para o publico e de triumpho para o artista.

Amadores pertencentes á sociedade elegante de Lisboa deram dois espectaculos em **D. Maria** que marcaram. Todo o alto mundo da côrte, a começar pela familia real, da diplomacia, das letras, e da alta finança, deu-se ponto de reunião na sala d'esse theatro, e em applausos prolongados corrou a tentativa artistica dos novos interpretes do *Marquez de Villemere* e do *lever de rideau*, de Charles Narrey, *Comme elles sont toutes*.

A sr.^a D. Maria Eça de Queiroz, a sr.^a D. Maria Ritta Ferrão Mascarenhas, e o sr. José Maria Eça de Queiroz, desempenharam a primor essa deliciosa comedia, porfiando todos tres em dar aos seus personagens um encantador relevo.

A comedia consagrada de Georges Sand foi assim distribuida: Marqueza de Villemere, sr.^a marqueza d'Avila e Bolama; Carolina de Saint Genest, sr.^a D. Branca de Gonta Colaço; Dianna de Saint-railles, sr.^a D. Isabel Ferrão de Castello Branco; baroneza de Arglade, sr.^a D. Maria Ritta Ferrão de Mascarenhas; Urbano, marquez de Villemere, sr. conde de S. Thiago; Caetano, duque d'Aleria, sr. conde da Figueira (D. Luiz); conde de Danières, sr. Pedro de Freitas Branco; Pedro, creado do duque, sr. José de Mello e Castro Moreira; Benoit, creado da marqueza, sr. D. Joaquim de Castello Branco.

No desempenho, em que todos se esforçaram para vencer as difficuldades de papeis que teem sido confiados a artistas notaveis, permitta-se nos destacar tres nomes: o da sr.^a D. Branca de Gonta Colaço, que disse, sempre com intenção e grande esmero de pronuncia, as phrases do seu papel e deu á sympathica figura de Carolina de Saint-Genest a frescura, a dignidade, a altivez despreziosa e a captivante ingenuidade que caracterisam essa bella criação do genio francez; o da sr.^a marqueza d'Avila, fidalga *vieux-regime*, que no rigor das *toilettes*, na compostura de todo o personagem na bondade espirituosa, e na forma singella, foi bem uma marqueza de Villemere; e finalmente o do sr. D. Joaquim de Castello Branco, o creado Benoit, que representa com a arte e o saber de um artista feito.

Estas duas noites de **D. Maria** ficarão assignaladas entre as festas elegantes da primeira sociedade de Lisboa.

JAYME VICTOR.

